

ARTIGOS

## PROBLEMATIZANDO O MITO FUNDADOR DE NOVA FRIBURGO COMO A "SUÍÇA BRASILEIRA": INVISIBILIZAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E (RE)CRIAÇÃO DE ESPAÇO-TEMPORALIDADES<sup>1</sup>

**Joana Simoni<sup>2</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**João Rua<sup>3</sup>**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Enviado em 14 fev. 2022 | Aceito em 19 mai. 2022

**Resumo:** Neste trabalho busca-se problematizar o título de Suíça Brasileira atribuído ao município de Nova Friburgo e oficializado na época em que se completaram 200 anos da colonização helvética. Esse título se apoia sobre um "mito fundador" e sobre a invenção de uma tradição que atravessa o percurso de formação do município. Para isso, reflete-se sobre as representações associadas a esse título que, de alguma maneira, invisibilizam outras contribuições – além da suíça – à produção do espaço geográfico friburguense, em suas diversas espaço-temporalidades. Essa reflexão remete-nos para a necessidade de pensar a importância da diferença para a ciência geográfica, trazendo à tona as particularidades e singularidades que formam a multiplicidade do território em análise – marcado, também, por um processo de manutenção de políticas de branqueamento, comum à sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Espaço-temporalidade, Suíça brasileira, Branqueamento do Território, Mito Fundador, Nova Friburgo.

### QUESTIONING THE FOUNDING MYTH OF NOVA FRIBURGO AS THE "BRAZILIAN SWITZERLAND": RACIAL-ETHNIC INVISIBILIZATION AND (RE)CREATION OF SPACETEMPORALITIES

**Abstract:** This work seeks to discuss the title of "Brazilian Switzerland" attributed to the municipality of Nova Friburgo, which was made official at the time when 200 years of Swiss colonization were celebrated. This title is based on a "founding myth" and on the invention of a tradition that crosses the path of formation of the municipality. It reflects on the representations associated with this title that, in some way, making other contributions – in addition to those of Switzerland – invisible to the production of the geographic space of Nova Friburgo, in its various spatiotemporalities. This reflection leads us to think about the importance of difference for geographic science, bringing to light the particularities and singularities that form the multiplicity of the territory under analysis - also marked by a process of maintenance of whitening policies, common to Brazilian society.

**Keywords:** Spacetime, Brazilian Switzerland, territorial whitening, Founding myth, Nova Friburgo.

### CUESTIONANDO EL MITO FUNDACIONAL DE NOVA FRIBURGO COMO LA "SUIZA BRASILEÑA": INVISIBILIZACIÓN ÉTNICO-RACIAL Y (RE)CREACIÓN DE ESPACIO-TEMPORALIDADES

**Resumén:** Este trabajo busca discutir el título de Suiza brasileña atribuido al municipio de Nova Friburgo y oficializado en la época de los 200 años de la colonización suiza. Este título se basa en un "mito fundacional" y en la invención de una tradición que atraviesa el camino de formación del municipio. Para ello, reflexiona sobre las representaciones asociadas a este título que, de algún modo, invisibilizan otras aportaciones – además de las de Suiza – a la producción del espacio geográfico de Friburgo, en sus diversas espaciotemporalidades. Esta reflexión nos lleva a la necesidad de pensar sobre la importancia de la diferencia para la ciencia geográfica, sacando a la luz las particularidades y singularidades que forman la multiplicidad del territorio bajo análisis - también marcado por un proceso de mantenimiento de políticas de blanqueamiento, comunes a la sociedad brasileña

**Palabras clave:** Espacio-temporalidad, Suiza brasileña, blanqueamiento territorial, mito fundacional, Nova Friburgo.

1 Agradecemos ao historiador Almir Pita Freitas Filho pela inspiração do tema e pelas indicações bibliográficas. Agradecemos também ao geógrafo Rogério Haesbaert pelas sugestões apresentadas.

2 Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Doutora em Geografia. E-mail: joana.simoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5824-1147>.

3 Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutor em Geografia Humana. E-mail: joaoru@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3907-8759>

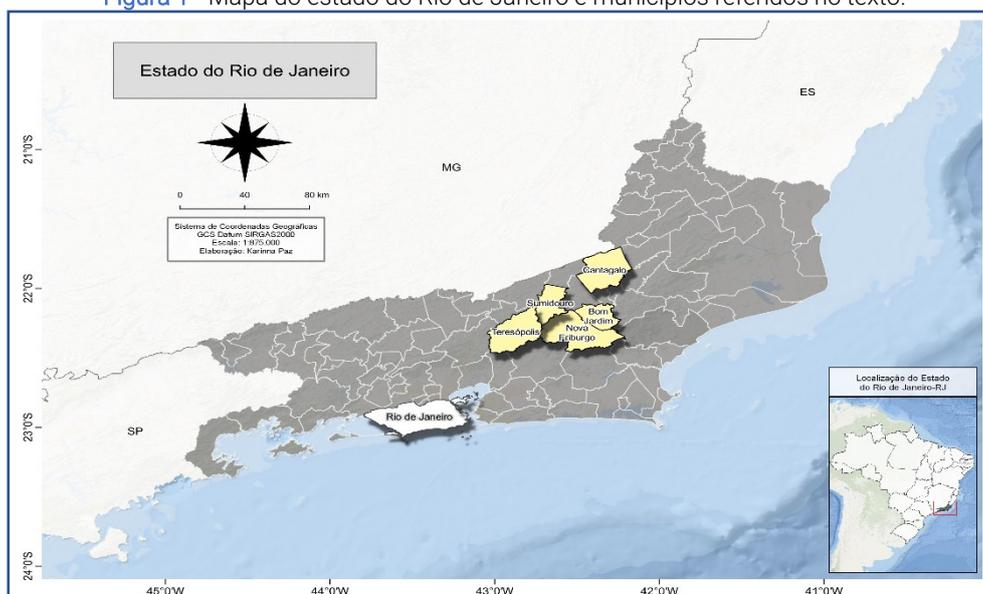
## Introdução

O objetivo deste trabalho é problematizar o título de Suíça Brasileira atribuído ao município de Nova Friburgo e oficializado na época em que se completaram 200 anos da colonização helvética. Procuraremos refletir sobre as representações associadas a esse título que, de alguma maneira, ofuscam ou invisibilizam outras contribuições à produção do espaço geográfico friburguense. Procuramos também participar do debate que se trava atualmente em torno da multiplicidade étnico-racial na formação do território brasileiro, ainda bastante ofuscada por uma espécie de manutenção de políticas de branqueamento do território, marcantes na história do país. Com isso, buscamos apontar para a dimensão étnico-racial como um importante componente da espacialidade.

Assim, baseamos nossa reflexão na noção de mito<sup>4</sup> de Nova Friburgo como a Suíça brasileira, que vem se constituindo como marca do município friburguense, principalmente a partir da década de 1980. O princípio da construção de tal mito vem das primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir de 1918, quando do início das comemorações do centenário do município.

Nova Friburgo constitui, juntamente com Petrópolis e Teresópolis, a área economicamente mais dinâmica da chamada Região Serrana Fluminense. O município apresenta uma área de 933,414 km<sup>2</sup> e uma população sendo estimada, em 2021, pelo IBGE em 191.664 habitantes. Entre as atividades economicamente mais importantes do município, destacam-se a indústria em variados setores, a agricultura, além do turismo e do veraneio apoiados na paisagem montanhosa (a cidade está situada numa altitude média de 846 metros) e nas temperaturas amenas, chegando a apresentar invernos frios (com temperaturas mínimas médias de 10°C em junho e julho). Todos estes se constituem em elementos relevantes para a produção das espaço-temporalidades friburguenses que também analisaremos neste trabalho. O mapa a seguir (figura 1) apresenta o estado do Rio de Janeiro e dá destaque ao município de Nova Friburgo e aos outros municípios que são referidos no texto.

**Figura 1** - Mapa do estado do Rio de Janeiro e municípios referidos no texto.



Fonte: Proposta dos autores, elaborado por Karinna Paz (2022).

4 Mito é um conceito polissêmico e complexo. Aproximamo-nos das formulações de Pierre Grimal (2013), ao destacar que um mito é uma narrativa simbólico-imagética, localizada no espaço e no tempo, que busca explicar a "origem" das coisas a partir premissas fabulosas. Neste trabalho, enfatizamos uma dessas facetas, apresentada na noção de mito fundador, conforme Chauí (2000).

A origem do referido município é caracterizada pela demarcação da Colônia de Nova Friburgo na Fazenda de Morro Queimado, em 1818, e pela vinda de 1600 suíços (cerca de 300 famílias), os quais, em 1819, se instalaram na referida colônia, que seria elevada à condição de vila em 1820 (DE ROURE, 1918, p. 261). Em 1821, é instituída a Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo, na época pertencente ao município de Cantagalo.

No entanto, “o cerne dessa versão da história de Nova Friburgo”, conforme análise de Marreto (2019, p. 43),

objetivava difundir que a colonização europeia (suíça e alemã) se ancorava na inexistência ou na atribuição de um papel secundário aos escravos durante a formação da vila em valorização da ideia de que os colonos formavam uma ilha de “liberdade” cercada pelo mundo escravista. Segundo essa visão, Nova Friburgo, por conta de seu clima, possuía ares europeus, elemento que exclui o contato da vila com a escravidão e a cultura cafeeira. Além disso, coloca em segundo plano a intrínseca relação com a vila de Cantagalo onde café e escravidão eram os elementos fulcrais da sua formação.

É nesse sentido que buscaremos debater um certo “mito fundador” que rodeia a história do município, ou, ainda, a invenção de uma tradição que atravessa o percurso de formação desse território. Recorremos à Chauí (2000, p. 6) ao considerar que um mito fundador constitui: “aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo”. Continuando com a mesma autora (CHAUI, 2000, p. 7), o mito fundador apresenta “um repertório inicial de representações da realidade” que serão reorganizados e atualizados.

A partir dessa perspectiva, a produção do espaço dessa localidade é lida através de lentes bastante restritivas, aquelas reforçadas pelo “mito da Suíça brasileira”, que, como apresentado, foi muito difundido e enfatizado desde as comemorações do centenário da cidade (em 1918). Nessa época foi publicado um texto sobre Nova Friburgo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de autoria de Agenor de Roure<sup>5</sup>, político friburguense, no qual se enaltecia a contribuição dos helvéticos, principalmente daqueles oriundos do Cantão de Friburgo, para a formação do município. Em 2017, início da comemoração do bicentenário de fundação da Colônia, tal título foi oficializado por um decreto estadual que declarava o município de Nova Friburgo como a “Suíça Brasileira”.

Desde então, muito tem sido escrito sobre a população de origem branca na produção do espaço friburguense. Entretanto, pouco se fala da importante presença dos negros na constituição de Nova Friburgo nos últimos 200 anos, de forma que parecem não ter existido como partícipes da história e da geografia da atual municipalidade. Também é secundarizada a relevância de grupos de outra origem étnica e social – luso-brasileiros, indígenas, alemães, franceses e outros.

Aqui procuraremos destacar a relevância de trabalhadores negros (escravizados e libertos) para a formação espaço-temporal de Nova Friburgo, os quais, durante o século XIX, compuseram quase a metade da população do município. De que maneira as representações idealizadoras da Suíça brasileira podem ser antagonizadas pelos questionamentos políticos sobre o racismo que estrutura a sociedade brasileira? Que implicações isso pode trazer à forma como são percebidos os

---

5 Segundo Costa (1997, p. 46), deve-se destacar a importância histórica de Agenor de Roure na construção do mito fundador de Nova Friburgo, “de quem pode-se dizer ter sido um dos grandes ideólogos, ou mesmo, o grande ideólogo do mito da “Suíça Brasileira”. Agenor de Roure, que, em 1921, viria a ser o secretário particular do Presidente da República, Epitácio Pessoa, já em 1915 apresentara às autoridades friburguenses a proposta de comemoração do centenário de Nova Friburgo, firmando a data de 16 de maio de 1918 para o evento, quando faria cem anos a assinatura do decreto de D. João VI”.

diversos sujeitos sociais – e a pluralidade étnico-racial – na produção do espaço geográfico? Que geografia friburguense pode emergir de tal problematização?

Para responder a essas perguntas é necessário, em primeiro lugar, refletir sobre a produção do espaço, sobre os elementos que o configuram e como podem ser identificadas políticas espaciais que destacam ou ofuscam determinados componentes dessa constituição. Percebemos tal produção como uma (re)produção permanente que comporta distintos movimentos de criação. Como pretendemos observar o espaço em suas distintas temporalidades e o tempo em suas distintas espacializações, usaremos a noção de espaço-temporalidades, à maneira de Harvey (2012, p. 11) quando escreve que “é impossível compreender o espaço independentemente do tempo, e isto implica uma modificação importante na linguagem, com uma passagem do espaço e do tempo ao espaço-tempo ou espaço-temporalidade”.

Consideramos, também, que as espaço-temporalidades estão sempre em devir, como nos lembra Massey (2008) quando destaca as infinitas interações entre a espacialidade e a temporalidade. Assim, busca-se refletir sobre a coetaneidade de tempos que se imbricam com as múltiplas escalas de eventos, os quais se (re)produzem no espaço – seja a formação de cadeias rochosas, de vilas, cidades e corporeidades. Evidencia-se com isso, a complexidade multidimensional do espaço, na qual se mesclam a base material físico-natural e os objetos criados com as dimensões político-administrativas, socioeconômicas e simbólico-culturais. Se a cada momento histórico corresponde um arranjo espacial particular, tais arranjos espaciais vão deixando resquícios juntados aos resquícios de tempos pretéritos.

Essa reflexão remete-nos para a necessidade de repensar a importância da diferença para a ciência geográfica, já que cada arranjo dessa multidimensionalidade se apresenta em particularidades e singularidades que os distinguem. A diferença nesse campo de estudo tem sido marcada, na maioria dos autores, como diferenciação e heterogeneidade – diferenciação de áreas e heterogeneidade dos elementos delas constitutivos. Para o geógrafo Ruy Moreira (1999) a diferença migra da filosofia para as ciências humanas (e, com isso, perde seu caráter ontológico) e torna-se tema da alteridade, da multiculturalidade, do corpo, do gênero, da raça, da etnia, da segmentação social. Já para Katz (2009, p. 242), a (re)produção da diferença é uma das maneiras pelas quais o poder opera. A autora também nos lembra que “sob as condições contemporâneas, as fontes mais formidáveis de poder político-econômico continuam sendo a produção capitalista, o patriarcado e o racismo” (KATZ, 2009, p. 243). Essas considerações reforçam a relevância das múltiplas influências sobre a Geografia que a concepção de diferença tem representado.

Tais reflexões nos levaram a seguinte estruturação do trabalho: após essa introdução, o tópico a seguir discute a emergência da Suíça brasileira como mito fundador de Nova Friburgo. Na continuação, apresenta-se o debate da diferença e da desigualdade como fundamentos das distintas espaço-temporalidades friburguenses. Finalizando-se o trabalho, algumas considerações retomam aspectos que nos parecem mais relevantes e apresentam alguns desdobramentos como indicação para outras pesquisas.

### A emergência da Suíça brasileira como mito fundador de Nova Friburgo

Em primeiro de setembro de 2017, o governador fluminense Luís Fernando Pezão declara o município de Nova Friburgo como a “Suíça Brasileira”. Essa institucionalização serviu para travar um verdadeiro embate entre diversas cidades brasileiras reivindicando esse mesmo título. A “competição” mais reconhecida era com Campos de Jordão, no estado de São Paulo. Outras “Suíças”

buscam algum tipo de reconhecimento: Garanhuns (PE), Monte Verde (MG) e Gramado (RS) sendo as mais conhecidas.

Dois questionamentos merecem ser explicitados: em que se baseiam essas reivindicações e o que efetivamente foi alterado em Nova Friburgo depois da oficialização do título? Se por um lado, o relevo e as "baixas" temperaturas dão suporte a essas reivindicações, por outro, esses não são os qualificativos mais exclusivos. Afinal de contas, há cidades brasileiras com maiores altitudes e com temperaturas efetivamente mais baixas no inverno.

Quanto ao segundo questionamento, sobre as mudanças que ocorreram no município de Nova Friburgo após essa oficialização, somos obrigados a reconhecer que em nada foi alterada a vida cotidiana das pessoas que aí residem após o selo oficial. Pode haver argumentações em favor da importância do valor agregado aos produtos do município e às próprias localidades nele existentes aceitas como mercadoria a ofertar. A paisagem montanhosa, as temperaturas relativamente baixas, o "astral alpino" e, principalmente o clima saudável já se faziam atrativos importantes para as classes abastadas da cidade do Rio de Janeiro no século XIX. Se somarmos a isso colégios de longa tradição e um certo ambiente de "Corte", veremos como esses atrativos são relevantes desde há muito, tal como nos informam os historiadores Araújo (2003) e Marreto (2014).

Há tempos a história de Nova Friburgo é marcada como a história da colonização suíça, reforçando a concepção hegemônica destes como fundadores da municipalidade (COSTA, 1997). Mas, atualmente, em que se apoia o título da Suíça Brasileira? Parece-nos relevante rever o nosso conhecimento de Nova Friburgo – da cidade e dos distritos que compõem o município. Esse conhecimento iniciou-se há décadas, seja utilizando como acesso à rodovia Rio de Janeiro-Nova Friburgo, via Cachoeiras de Macacu, seja utilizando a Rodovia Rio-Teresópolis e, depois, a RJ-130. Ao visitarmos as distintas áreas do referido município, fosse em trabalhos de campo com turmas de alunos<sup>6</sup>, fosse em passeios de final de semana, conseguimos apreender, sem questionamentos, muitos dos aspectos que caracterizam o município já apontados acima. Trata-se de um longo processo de aproximação, o qual nos remete a pensar em Kosik (2010) e Léfèbvre (1983), como referências básicas para compreensão da relação com a realidade, em perspectivas distintas. Para o primeiro, ela nos surge como aparência e exige um longo percurso teórico-conceitual para alcançar a sua essência; para o segundo autor, a realidade se apresenta oculta por sucessivas representações que nos dificultam a compreensão do efetivo movimento de produção do espaço.

Em nossa longa relação com o município de Nova Friburgo, diversos aspectos daquilo que considerávamos ser a realidade vivida pelos moradores das localidades que visitamos por tantas vezes, pareceu-nos bastante alcançável: as atividades ligadas à produção de hortícolas e olerícolas, a intensa atividade fabril em algumas áreas, a força do turismo e do veraneio em praticamente todo o município, a marcante interação e transformações nas relações urbano-rurais. Mais recentemente, procurou-se investigar essas transformações relacionadas às tecnologias de comunicação e informação e o efeito de novas mídias e novas plataformas informacionais (como o caso do *Airbnb*) em localidades rurais do município<sup>7</sup>.

Entretanto, nenhuma dessas pesquisas deu atenção nem ao título de Suíça Brasileira e nem à composição étnico-racial de seus habitantes. Tanto nos contatos oficiais – diversas secretarias do

---

6 Tais turmas foram: as de Geografia Agrária da PUC-Rio e, a partir de 1993, da UERJ. No NEGEF (Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense), o qual, juntamente com o Prof. Gláucio Marafon, foi fundado e coordenado, por mais de dez anos, por um dos autores deste artigo, essa experiência integrou-se a diversos projetos de pesquisa. Nesse Núcleo é que foram amadurecidas as ideias que vêm alimentando a reflexão, desenvolvida na PUC-Rio desde 2006 e continuada, desde 2011, no URAIS (Grupo de Estudos Urbanos e Rurais) do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da PUC-Rio.

7 Essa discussão foi desenvolvida, por exemplo, em Simoni (2019, 2020) e Rua e Simoni (2021).

município – quanto no contato direto com os habitantes das localidades, esses dois últimos aspectos não receberam a nossa atenção enquanto pesquisadores, ao contrário dos demais (acima citados) que mereceram muitos trabalhos de investigação que já realizamos<sup>8</sup>. Mas, de certa maneira, mesmo sem o perceber, os estereótipos de prosperidade e riqueza relacionados à imigração, principalmente de suíços e alemães, já iam sendo tensionados. Qual prosperidade? Quem prosperou? Somente se enfatizava o lado do sucesso do empreendimento migratório, fortalecendo o imaginário de Suíça brasileira.

Mayer (2003) e Fridman (2001) falam sobre a crise econômica e alimentar na Suíça no momento da emigração. Quando era lembrada a origem pobre dos futuros emigrantes na Europa das guerras napoleônicas e da miséria por elas acarretada, era para enaltecer a saga migratória e as dificuldades iniciais do estabelecimento nas áreas que compõem o atual município de Nova Friburgo.

Esquece-se, assim, a origem pobre desses colonos, ilustrada neste trecho retirado de Gardner (1842)<sup>9</sup>, quando escreve:

A cidade de Nova-Friburgo, também chamada Morro Queimado, está construída em forma de quadrado, com casas, quase todas, de um só andar.  
É habitada principalmente por suíços, emigrados há muitos anos para o Brasil, mas também residem ali algumas famílias brasileiras.  
Para o lado do oeste, a uma milha de distância, há uma pequena aldeia em que reside a parte protestante da comunidade.  
A maior parte dos colonos, porém, acham-se espalhados por muitas milhas nos arredores. São muito pobres e foram postos pelo governo brasileiro em um dos piores sítios para o exercício de sua indústria, em uma altura de mais de três mil metros acima do nível do mar [sic], de más terras e de clima inteiramente inadaptado à produção quer de açúcar, quer de café.

Percebe-se nesse trecho, em primeiro lugar, a pobreza dos imigrantes; além disso, pode-se destacar a emergência de novas espacialidades nas quais a religião aparece como elemento relevante acrescentado aos aspectos étnico-raciais.

Nesse ponto é preciso destacar as divisões jurídico-político-administrativas que foram sendo operadas ao longo do século XIX e no início do século XX, pois, ao se falar de Nova Friburgo dos últimos dois séculos, é necessário sempre lembrar que a divisão administrativa atual não corresponde àquela da época em que se iniciou a instalação dos colonos suíços, alemães e franceses os quais foram sendo acrescentados à clivagem étnico-racial já existente na localidade. Tal clivagem constituía-se de brancos, luso-brasileiros, negros, indígenas e mestiços. Se observamos, como nos lembram os historiadores Araújo (2003), Marreto (2014; 2019) e Janaína Botelho e o geógrafo Rui Erthal (2006), a maior parte das 300 famílias fixadas originalmente na Fazenda do Morro Queimado aí não permaneceu. Dispersaram-se para outras áreas do então município de Cantagalo, envolvendo-se com a cafeicultura, com obras viárias e avançando sobre os sertões antes ocupados por quilombolas, travando, aí, combates. Mayer (2003) aponta que, a partir de 1821 a colonização suíça se expande para o Vale do Macaé, e se refere a um documento de 1822 que “notícia a destruição pelos suíços de vários núcleos quilombolas”.

Outros colonos, ao deixarem a área original a eles reservada, dirigiram-se para as terras quentes cafeicultoras ou para as chamadas terras frias, atual distrito do Campo do Coelho. A inserção dos colonos suíços na vida econômica, social e política do então município de Cantagalo vai se fazendo

8 Ver, por exemplo: Rua (2002; 2017), Simoni (2019) e Rua e Simoni (2021).

9 GARDNER, George. Viagens no Brasil. Editora Nacional, 1942, 452-454; trecho retirado do “Atlas dos Viajantes no Brasil”, disponível em: [https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=nome\\_cluster%3AGARDNER%2C+George](https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=nome_cluster%3AGARDNER%2C+George). Acesso em 13 de março de 2022.

presente, ganhando destaque, inclusive, na representação, na câmara municipal. Como escreveu Erthal (2006):

[...] observa-se na Câmara Municipal de Cantagalo, já em 1821, a presença do vereador Jean Baptiste Lapaire, originário do Cantão de Berna. Ele será o primeiro de uma série de representantes políticos de europeus naturalizados no seio do fórum político atado, fortemente, aos interesses dos grandes latifundiários escravocratas.

Assim, a formação da população da então vila foi marcada pelos interesses escravocratas, mais do que por uma população suíça livre. A utilização da mão de obra escravizada marcou a distribuição demográfica da vila de Nova Friburgo desde início do século XIX (conforme quadro apresentado mais adiante). É neste sentido que Marreto (2019) argumenta “que a escravidão foi o elemento central na formação social e econômica da vila, afinal, constituía a maior parte da mão de obra utilizada e estava disseminada pelos diversos estratos sociais ali existentes”. Em narrativa de 1809 (portanto antes da chegada dos colonos suíços), John Mawe, em viagem à Fazenda do Morro Queimado (futura instalação dos colonos), revelava, de maneira bastante preconceituosa a respeito dos brasileiros e dos negros, a importância destes e do seu conhecimento na divisão social do trabalho de então. Um pequeno excerto deste relato pode elucidar tal afirmação, quando, ao descrever sua visita à destilaria e outros empreendimentos, diz o viajante:

Esta aversão ao progresso observei com frequência em todos os habitantes do Brasil; quando, por exemplo, interroguei um construtor, um fabricante de açúcar ou de sabão, ou mesmo um mineiro, quais as razões para orientar seus interesses de maneira tão imperfeita, indicavam-me, invariavelmente, um negro, a fim de responder às minhas perguntas<sup>10</sup>.

Décadas depois, já após a instalação dos colonos entre os anos de 1828 e 1872, mostrava-se ainda significativa a proporção da população escrava na vila de Nova Friburgo em relação à população livre, majoritariamente branca, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1** - População livre e escrava na vila de Nova Friburgo, 1828-1872

<b>Ano</b>	<b>P.Joye 1828</b>		<b>P.Joye 1834</b>		<b>R.P.P. 1840</b>	
	Números	%	Números	%	Números	%
Livres	1615	55,94%	2615	56,82%	2886	57,23%
Escravos	1272	44,06%	1987	43,18%	2157	42,77%
<b>Total</b>	<b>2887</b>	<b>100%</b>	<b>4602</b>	<b>100%</b>	<b>5043</b>	<b>100%</b>
<b>Ano</b>	<b>R.P.P. 1850</b>		<b>R.P.P. 1856</b>		<b>Censo 1872</b>	
	Números	%	Números	%	Números	%
Livres	4187	58,86%	7009	64,40%	13.972	54,69%
Escravos	2927	41,14%	3874	35,60%	11.574	45,31%
<b>Total</b>	<b>7114</b>	<b>100%</b>	<b>10883</b>	<b>100%</b>	<b>25.546</b>	<b>100%</b>

Fonte: Marreto, 2019. A partir de dados de: A. I. São João Batista - L. de Tombo I - Mapa populacional - Jacob Joye, 1834. CDH-Pró Memória da PMNF. Relatório do Presidente de Província de 1856. Recenseamento do Brasil de 1872 – IBGE.

10 Trecho retirado do “Atlas dos Viajantes no Brasil”, disponível em: [https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=nome\\_cluster%3AMAWE%2C+John](https://viajantes.bbm.usp.br/?q=&filters=nome_cluster%3AMAWE%2C+John). Acesso em 13 de março de 2022.

Assim, é importante lembrar que os colonos suíços não se constituíram numa “ilha” de liberdade e prosperidade isolada do restante da sociedade. Pelo contrário, mesclaram-se à sociedade local e participaram de uma maior complexificação da sociedade escravocrata de então. Nessa mesma perspectiva, Marreto (2019, p. 49) apresenta que:

Além da consolidação das propriedades, Nova Friburgo também passou pela constituição de sua classe senhorial, formada principalmente de luso-brasileiros e migrantes suíços e alemães que assimilaram o modo de vida senhorial e as estruturas escravistas existentes no Império do Brasil.

Nessa mesma direção, o autor supracitado nos demonstra a permanência de populações indígenas como relevantes na composição étnica da localidade. Segundo o autor, as famílias suíças, ao chegarem na vila de Nova Friburgo, teriam se alojado em casas construídas por indígenas vindos de Aldeia da Pedra (MARRETO, 2019, p. 48).

Assim, a presença de diversos grupos étnicos marcou a produção do espaço friburguense. No entanto, segundo a leitura do geógrafo Rui Erthal,

tudo indica que os colonos foram assimilados, pois não há vestígios fortes de sua presença. Assim, as línguas francesa e alemã entraram em desuso, a alimentação típica não se sobrepôs, os aspectos arquitetônicos parecem não implantados no espaço (ERTHAL, 2006).

Logo, há, por um lado, a leitura de que, a princípio, muito pouco restou na paisagem e cultura do município como herança do período colonial, inclusive em relação à presença suíça. No entanto, segundo Costa (1997) dataria da década de 1980 essa fundação/(re)criação de uma Friburgo atrelada à Suíça e seus traços e hábitos. O prefeito do município na referida década, Heródoto Bento de Mello, teria implementado

[...] uma série de iniciativas que marcariam definitivamente a presença simbólica dos [suíços] na Cidade: a construção de uma Queijaria-Escola em convênio estabelecido por meio da Associação Fribourg-Nova Friburgo, a produção de vasto material de pesquisa e propaganda sobre as raízes helvéticas do município, estímulo a que os friburguenses buscassem informações sobre suas árvores genealógicas no Deptº Pró-Memória da Prefeitura, além do fato de que as firmas de Heródoto passaram a construir imóveis cujos modelos arquitetônicos eram as casas da Suíça (COSTA, 1997, p. 149).

A seguir, apresentamos duas fotos que evidenciam essa (re)criação arquitetônica, constituindo-se em referenciais concretos para o fortalecimento do mito fundador e, simultaneamente, de uma identidade territorial apoiada na cultura suíça:

Figura 2 - Fotos representativas de arquitetura suíça (Foto 1: A Casa da Suíça; Foto 2: Hotel Bela Suíça)



Fonte: Foto 1: Acervo A Voz da Serra. Disponível em <https://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/agosto-suico-enche-cidade-de-atraco-es-nesta-quarta>, acesso em 19/04/2022; Foto 2: Disponível em <https://www.decolar.com/hoteis/h-1789701/hotel-bela-suica-nova+friburgo>, acesso em 19/04/2022.

Assim, devemos observar que o mito fundador da Suíça brasileira foi sendo construído ao longo do século XX, desde a década de 1910, mesmo que institucionalizado por lei somente em 2017. Esse longo processo de criação de um mito fundador leva-nos a pensar num movimento de reinvenção de tradições, como nos elucida o historiador Eric Hobsbawm (1984), ao tratar daquilo que denomina de “tradição inventada”. O termo, que trata de tradições “inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas” (HOBSBAWN, 1984, p. 9) relaciona-se a um conjunto de práticas “de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”. O autor nos lembra como nessas tradições inventadas há uma ideia de continuidade em relação a um passado histórico, que, no entanto, constituem-se em continuidades artificiais.

Podemos, então, perceber distintos momentos que marcam a construção do mito da Suíça Brasileira: a importância de população não-branca, negros e indígenas no arranjo espacial daquela área; a chegada dos colonos e a sua gradativa integração à sociedade local; a exaltação da saga da colonização no centenário de fundação da colônia, ofuscando as situações conflituosas que nesse primeiro século vivera; a construção mais efetiva das bases para a consolidação do mito fundador, na década de 1980; finalmente, próximo às comemorações do bicentenário de fundação da colônia, em 2017, observa-se a institucionalização de tal mito sob o *slogan* “Nova Friburgo – a Suíça brasileira”.

As reflexões até aqui elaboradas procuram demonstrar a complexidade étnico-racial e cultural da freguesia e do posteriormente denominado município de Nova Friburgo. A representação da Suíça brasileira e a recriação de tradições que remetem à origem europeia, especificamente suíça, de seus habitantes, levou à invisibilização da presença tão significativa de negros na composição da população de Nova Friburgo – evidenciando, com isso, o racismo estrutural que prevalece na sociedade brasileira.

Assim, pode-se relacionar este ponto de nossa reflexão às formulações de Renato Emerson dos Santos (2020, p. 202), quando aponta “o racismo como um pilar da formação do Brasil”. Em acordo com as ideias desse autor, destacamos de Corrêa (2017) as três dimensões do que Dos Santos (2017; 2020) denomina de branqueamento do território, bastante adequadas à problematização que aqui elaboramos. Na síntese apresentada:

O processo de branqueamento do território é entendido a partir de três dimensões (R. SANTOS, 2007): uma atuando diretamente no ordenamento da ocupação do território, o *branqueamento da ocupação*, outra criando uma imagem e/ou apagando outra – uma geografia imaginativa dos grupos e seus símbolos – do território, o *branqueamento da imagem* e, por fim, a normatização de uma cultura eurodescendente como única matriz válida em detrimento de outras, o *branqueamento da cultura*. Essas dimensões sintetizam a tentativa de invisibilização e reconstrução sob a lógica eurocêntrica de “territórios não brancos”, ou seja, o apagamento da presença das grafagens espaciais (R. SANTOS, 2009), das geo-grafias (PORTO-GONÇALVES, 2003) negras e indígenas do território brasileiro (CORRÊA, 2017, p. 123)<sup>11</sup>.

Toda essa representação – marcada e reafirmada também na paisagem e no imaginário friburguense – conduz, como buscamos apresentar, a uma invisibilização de parte da população do município, que sempre participou da (re)produção deste espaço. A tabela abaixo sistematiza os dados do Censo de 2010 (o mais recente) em relação à população de Nova Friburgo:

**Tabela 1** - População residente, por cor ou raça, Nova Friburgo - 2010

Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
182082	132071	15799	811	33215	186
%	72,5%	8,7%	0,4%	18,2%	0,1%

Fonte: IBGE, 2010.

Como se pode observar, mais de um quarto da população de Nova Friburgo se autodeclara como preta ou parda. De fato, a proporção é menor quando comparada, por exemplo, ao estado do Rio de Janeiro, onde essa soma chega a mais de 47%. No entanto, são quase cinquenta mil moradores do município serrano que, de certa forma, tem sua história – e sua geografia – apagadas na imagem de “Suíça brasileira” que se vende.

Nessa imagem/mito fundador/tradição reinventada, não se respeita a diferença étnico-racial, cultural e de gênero, ao mesmo tempo em que fica subsumida a marcante desigualdade social, característica da sociedade brasileira, da qual o município não é exceção.

### A diferença e a desigualdade como fundamentos das distintas espaço-temporalidades friburguenses

Nesta parte do texto procuraremos estabelecer uma relação entre diferença, multiplicidade e espaço-temporalidade, os quais se constituirão em bases para a discussão aqui elaborada, à qual podemos agregar ainda as ideias de branqueamento do território e invenção da tradição.

As reflexões aqui efetuadas provêm de um diálogo com Moreira (1999) e Haesbaert (1999), os quais vêm nos apontando desde então a necessidade de se repensar a importância da diferença e da desigualdade no mundo atual. A partir dessas considerações, enfatizamos a necessidade de demonstrar a força da desigualdade ao subsumir a diferença de natureza (aspecto étnico-raciais, de gênero, de geração...), incorporando-a e transformando-a em outros elementos de desigualização (diferença de grau<sup>12</sup>). Queremos deixar evidente que as diferenças étnico-raciais e de gênero serão

<sup>11</sup> Relembramos como exemplo desses tipos de branqueamento na sociedade brasileira os casos dos escritores Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Souza, dentre outros romancistas, poetas e artistas negros, fato pouco enfatizado na nossa literatura.

<sup>12</sup> Segundo Haesbaert (1999, p.24), “o par desigual-diferente corresponde aproximadamente à distinção feita pelo filósofo Bergson (1989 [1934]) entre “diferenças de natureza”, qualitativas, e “diferenças de grau ou de intensidade”,

atravessadas ou interseccionadas pelos elementos estruturantes de desigualdade que marcam profundamente sociedades como aquela em que vivemos.

Nessa mesma direção, recorreremos a Barros (2018), quando escreve que

a ampla maioria das sociedades historicamente conhecidas, em todas as partes do planeta e em todas as épocas, foi e tem sido constituída por sociedades em que a maior parte de seus habitantes precisa simultaneamente resistir às desigualdades sociais e lutar pelo direito de afirmar suas diferenças [...] Frequentemente há violências e opressões de todos os tipos – concretas e simbólicas – nesses deslocamentos e transformações de diferenças em desigualdades (BARROS, 2018, p. 3).

Ao se refletir sobre a problemática étnico-racial na sociedade brasileira e, em especial no município de Nova Friburgo, necessita-se cuidadosa atenção quanto ao constante risco de simplificações e particularismos com relação ao município friburguense, já que ele se constitui apenas na constatação local de processos que vigoram em todo o país. Há uma imensa gama de situações complexas nas distintas intersecções entre raça, etnia, sexo, gênero e gerações, por exemplo, sempre matizadas pela estrutura de classes, também ela heterogênea. Como resultado podemos pensar nas intersecções nas múltiplas escalas em que ocorrem ao integrarem as distintas manifestações do modelo civilizatório ocidental com as particularidades e singularidades que se vislumbram na escala do lugar. Nessas múltiplas escalas descobrem-se, também, múltiplas diferenças e múltiplas desigualdades desafiando qualquer pretensa homogeneização.

Nesse sentido, autores como David Harvey, Doreen Massey, Milton Santos, Rogério Haesbaert, dentre muitos na ciência geográfica e fora dela, vem sendo chamados à discussão do lugar, do regional, do global e das relações multiescalares dessas espacialidades, apontando para uma relação dialética entre identidade (territorial) e diferença. Com isso, fortalecem-se discussões que nos encaminham para uma verdadeira “Geografia da Diferença”, na qual se busca uma proposição metodológica que sistematize as clivagens e fragmentações em tais espacialidades.

Observamos, assim, que os sujeitos sociais produtores do espaço são incorporados ou incorporam-se a um complexo jogo de interações. Dessa forma, torna-se muito difícil a separação entre desigualdade e diferença numa sociedade tão binária, classificatória e hierarquizadora como é a sociedade capitalista, na qual muitas vezes desigualdade e diferença aparecem imbricadas, equivalentes e espetacularizadas no permanente movimento de mercadificação da vida – como, por exemplo, ocorre frequentemente nas atividades turísticas e culturais.

Até hoje tem predominado uma visão espacial de desigualdade em que os espaços considerados periféricos, dominados, em permanente fragmentação e hierarquização seguem o modelo do outro, numa dicotomia adiantado/atrasado. Contra isso insurge-se uma geografia da diferença, a qual enfatiza que cada um tem sua própria história, que se materializa, como já visto, em espacialidades próprias (em um diálogo com Massey, 2008). A desigualdade mata as outras vozes, espacializadas em reivindicações específicas. A diferença resgata-as, ao buscar romper com as hierarquias vigentes e procurar destacar a relevância da multiplicidade como elemento constitutivo das interações sociais em suas respectivas espacializações. Entretanto, é preciso tomar cuidado para não se cair em essencialismos nos quais os elementos constitutivos de tal multiplicidade poderiam estar lado a lado, sem, no entanto, se mesclarem ou interagir democraticamente. Em nosso estudo, por exemplo, a multiplicidade de suíços, luso-brasileiros, alemães, e principalmente dos habitantes friburguenses negros, deveria expressar-se em um respeito às diferenças, liberdade para o exercício

---

mais quantitativas. O desigual ou, em outras palavras, a diferença de grau, exige sempre a referência a uma escala de valores-padrão frente à qual os processos são comparados, medidos ou mesmo hierarquizados”.

de suas manifestações culturais e para a enunciação de suas narrativas históricas, além do acesso garantido a seus espaços de vida (habitação, circulação, trabalho, lazer), estes em permanente (re)produção. Como ressalta Massey (2008), uma geografia da diferença necessita da coexistência, da multiplicidade. Por seu lado, a desigualdade vê os outros espaços como variações hierarquizadas do nosso, situado como referência.

Lembra-nos essa autora que o espaço, além de produto de interrelações, como largamente tem sido demonstrado, é constituído através de um processo de interações e se torna a esfera da existência da multiplicidade na qual distintas narrativas coexistem – como procuramos apresentar acima. Então, sem o espaço a multiplicidade seria impossível, ao mesmo tempo em que tal espaço só existe se a multiplicidade existir, pois os dois são coconstitutivos (MASSEY, 2004, p. 8).

Essas reflexões, iniciadas em Rua (2003), podem servir como arcabouço teórico-conceitual para sustentar a análise das múltiplas espaço-temporalidades que vêm marcando a formação territorial friburguense.

De início, é preciso destacar a impossibilidade de se projetar para o século XIX o atual recorte político-territorial do município de Nova Friburgo. Durante a maior parte do referido século, a abrangência territorial de Nova Friburgo estendia-se aos atuais municípios de Bom Jardim, Sumidouro e parte de Teresópolis (conforme assinalado no mapa da Figura 1). A então Vila alcançava, em sua jurisdição, as Freguesias de São José do Ribeirão (atual Bom Jardim), a de Nossa Senhora da Conceição do Paquequer (atual Sumidouro) e a Freguesia de Sebastiana (correspondente ao atual distrito de Bonsucesso em Teresópolis).

Por que essas referências são tão necessárias de serem recordadas? Elas tornam-se relevantes por justificarem as distintas espaço-temporalidades que se sucederam, coexistiram e coexistem na Nova Friburgo de então e na atual. Basta pensar na espaço-temporalidade do complexo cafeeiro que dominava toda essa região. Nela, se percebiam as diferenças e desigualdades sociais, políticas, étnico-raciais que marcavam as relações entre os distintos sujeitos, os quais eram parte constitutiva e, simultaneamente, constituíam tal espaço-temporalidade. Estabelecia-se toda uma rede de relações entre os cafeicultores brancos, aristocratas, que ocupavam as casas grandes e monopolizavam a extensa rede de comunicações ligadas à comercialização do café. Um bom exemplo dessa rede de relações é aquela que se estabeleceu em torno do Barão de Nova Friburgo, com suas fazendas, seus armazéns de estocagem de café, seus empórios de comercialização de diversos produtos de consumo. Não se pode esquecer que também era o maior comerciante de escravos de toda região.

Essa espacialidade hegemônica, branca, eurocêntrica e hierarquizadora refletia-se nos hábitos e costumes das “pequenas cortes” nas fazendas e na vila de Nova Friburgo, onde se realizavam saraus, ocorriam apresentações artísticas e teciam-se as redes de relações políticas com a corte do Rio de Janeiro. Assim, pode-se falar até mesmo de uma *belle époque* friburguense, conforme nos aponta Janáia Botelho (JORNAL A VOZ DA SERRA, 2008), que teria se constituído a partir de meados do século XIX, se explicitando mais fortemente em finais do mesmo século.

A essa teia de relações incorporaram-se muitos dos colonos suíços que permaneceram na Vila. À espaço-temporalidade hegemônica herdeira da casa grande, opunham-se outras espaço-temporalidades, às quais interconectam-se hábitos e costumes ligados a culturas de matriz africana. Entretanto, embora a população negra constituísse a força de trabalho – fundamentais para a produção agrícola e para a construção de obras habitacionais e viárias, por exemplo –, e representasse, como até hoje representa, percentual significativo da quantidade de habitantes do município, tornaram-se sujeitos invisibilizados tanto nos relatos oficiais quanto na imprensa. Observa-se aí uma coexistência mas sem multiplicidade, isto é, sem mesclagem ou respeito às diferenças. As espacialidades hierarquizadas e hierarquizadoras constituem-se em regra, na qual o

“espaço branco” da casa grande e dos colonos coloca-se como a referência em detrimento dos demais espaços – iniciando o branqueamento do território, nas suas três dimensões (da ocupação, da imagem e da cultura).

Assim, podemos dizer que na formação territorial friburguense os espaços que deveriam ser de diferença formaram-se em espaços de desigualdade por conta das relações de poder cada vez mais hierarquizadoras estabelecidas ao longo do século XIX e que seguiram se complexificando ao longo dos séculos XX e XXI, graças à presença de outros imigrantes e ao desenvolvimento de atividades industriais (metalurgia, têxtil e vestuário) que se somaram à agricultura (olericultura e horticultura), ao veraneio e ao turismo iniciados em meados do século XIX. Atualmente, as atividades ligadas a esses setores tornaram-se economicamente predominantes – com destaque para o setor industrial ligado à moda íntima, que transformou Nova Friburgo em uma referência nacional para essa atividade, como nos lembra Mattos (2011), dentre outros. Em tais atividades se mantiveram as clivagens sociais, étnico-raciais e de gênero, presentes ainda hoje no território friburguense, bem mais restrito – em termos de área – do que o do século XIX, como já vimos.

Esses são os pilares da espacialidade atual friburguense marcada pela hegemonia urbano-industrial-capitalista. Retomando-se a problematização do mito fundador de Nova Friburgo como Suíça brasileira, recorremos a Costa (2020, p.179) quando explicita que a modernização capitalista “veio acompanhada da difusão de uma visão ideológica acerca da formação histórica do município, extremamente funcional à dominação burguesa”. Trata-se de um momento no qual se desenvolvem novas maneiras de exploração das trabalhadoras e trabalhadores, que pressupunha a (falsa) ideia de harmonia social e a não-existência da escravidão. Podemos acrescentar que, portanto, mantém-se a ideologia do branqueamento e a invisibilidade da população negra, ainda tão representativa estatisticamente – 22% do total da população friburguense, segundo estimativas de 2020.

Ao estudar a espacialidade atual de Nova Friburgo percebem-se, ainda, marcas das espacialidades anteriores. A fazenda da Ponte de Tábuas, a Casa do Barão de Nova Friburgo, algumas obras de infraestrutura – realizadas pelo trabalho escravizado – apresentam-nos materialidades evidenciadoras de relações sociais pretéritas. Mas, talvez, as imaterialidades derivadas dessas espacialidades anteriores sejam mais marcantes nos dias atuais da sociedade friburguense do que aquelas marcas apontadas. De início, pode-se lembrar da invenção do já referido mito fundador da Suíça brasileira, mesmo quando pouca (ou nenhuma) tradição desses povoadores permaneceu, tendo de ser reinventadas, como já visto acima. Nessa reinvenção, foi negligenciada até mesmo a enorme contribuição dos alemães fundadores e incentivadores da indústria em moldes fordistas que marcou praticamente todo século XX. É claro, não se pode ignorar a importância das duas guerras mundiais para o “esquecimento” desses povoadores.

Muito mais relevante, em nossa análise, torna-se o processo de invisibilidade dos pretos e pardos e de sua contribuição para a sociedade friburguense. Se representam um quinto da população deveriam estar mais visíveis (inclusive na mídia e nos relatos e comemorações oficiais) não vivêssemos o racismo estrutural, do qual Nova Friburgo não está isenta. Essa imaterialidade, resquício de espacialidades anteriores, constitui elemento-chave para se compreender a luta travada pela população negra para (re)apresentar (já que historicamente nunca deixou de existir) sua resistência a tal racismo, através da formação de coletivos que buscam explicitar essa relevância e pleitear uma correspondente representação política, da qual pode se destacar a recente eleição (em 2020) da primeira mulher negra para a câmara de vereadores do município, tendo alcançado a maior votação dentre os eleitos.

Com essas reflexões pretendemos apontar para uma Nova Friburgo plural, democrática e respeitadora da diferença e da multiplicidade que, de certa forma, está se desenvolvendo, já que com

racismo e/ou invisibilizações étnico-raciais não pode existir uma verdadeira democracia. É importante evidenciar mais uma vez que a ênfase que vem sendo dada ao mito fundador do município dificulta a construção de uma espacialidade respeitadora das diferenças étnico-raciais tão necessárias de ganharem destaque em qualquer sociedade.

### Considerações finais

Milton Santos (2009) escreveu que o espaço é uma acumulação desigual de tempos. Continuamos o pensamento do autor refletindo que essa acumulação não se dá como camadas de tempo superpostas tal como se tratasse de uma rocha sedimentar. Pelo contrário, trata-se de uma hibridização espaço-temporal como se fosse uma rocha metamórfica, na qual ocorrem "erupções" de espaços pretéritos em tempos contemporâneos, numa permanente imbricação.

Destaca-se a importância da ciência geográfica para essas problematizações das representações oficiais naturalizadas como verdades absolutas pela maioria das pessoas, com isso perdendo-se a possibilidade de se realçar a relevância de muitos sujeitos sociais produtores/criadores do território do atual município de Nova Friburgo. Tais representações, como já visto acima, invisibilizaram a contribuição dos negros e de outras etnias na formação social friburguense.

É nesse sentido que pensamos problematizar o título de Suíça brasileira como mito fundador de Nova Friburgo. Retomando Chauí (2000, p. 6), apontamos esse mito como constituído por uma série de representações, impondo "um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado [...] que se conserva perenemente presente" e, assim, não permite vislumbrar e compreender a diferença temporal e espacial, constituindo aquilo que neste trabalho denominamos espaço-temporalidades.

Costa (2009) sintetiza bem a invisibilidade da população negra sob o mito da Suíça brasileira. Segundo o autor, a Nova Friburgo que queria se desenhar como industrializada e progressista no início do século XX, passou, como nos lembram Corrêa (2017) e Dos Santos (2017), por um processo de branqueamento do seu território, afastando-se de sua história que incluía, também, a escravidão e a pobreza. Como propõe Costa (2009, p. 4):

[...] sua fundação era contada como um feito de heroicos desbravadores, a cumprirem o destino de transformar as adversidades encontradas em sucesso, promovendo o progresso e erigindo uma cidade "paradisiaca", para o que teria sido essencial a formação étnica e cultural daqueles indivíduos [suíços].

Assim, o processo de branqueamento do território friburguense utilizou-se da reinvenção da tradição, ao omitir a "desventura que representou a chegada dos suíços em 1820, a contribuição dos negros e a presença da escravidão na história do município" (COSTA, 1997).

É nessa perspectiva que nos colocamos como participantes de um movimento, o qual constitui-se, simultaneamente, em resistência e mola propulsora para transformações na sociedade brasileira como um todo e na sociedade friburguense em particular. Esse movimento de debater sobre a importância dos negros na (re)produção/(re)criação da sociedade brasileira em permanente espacialização segundo os tempos históricos em que tal processo ocorre, guia-nos na busca de uma sociedade mais democrática na qual possam ser reconhecidos e coexistir num espaço de comunhão, distintos gêneros, raças, etnias e gerações. Com isso, resgata-se a relevância da diferença em suas multiplicidades social e espacial, rompendo com a desigualdade expressa no racismo estrutural e no patriarcalismo que ainda marcam a sociedade brasileira.

## Referências

- ARAÚJO, José. R. (2003) *Nova Friburgo: A construção do mito da suíça brasileira (1910-1960)* Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói.
- BARROS, José D. Assunção. (2018) Igualdade e diferença: uma discussão conceitual mediada pelo contraponto das desigualdades. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23.
- CHAUÍ, Marilena. (2000) *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Editora Perseu Abramo.
- CORRÊA, Gabriel. (2017) O branqueamento do território como dispositivo de poder da colonialidade: notas sobre o contexto brasileiro. In: Valter Carmo Cruz; Denilson Araújo de Oliveira. (Org.). *Geografia e Giro Descolonial: Experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, v. 1, p. 117-130.
- COSTA, Ricardo da Gama Rosa. (1997) *Visões do paraíso capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*. Tese de Doutorado. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, UFF.
- \_\_\_\_\_. (2009) Da Suíça Brasileira' ao 'paraíso capitalista': a construção da hegemonia burguesa em Nova Friburgo. *Revista Tessituras*, v. zero, p. 1/8-20.
- \_\_\_\_\_. (2020) Galdino do Valle Filho: a construção da hegemonia burguesa em Nova Friburgo (1911-1961). In: COSTA, R., GUIMARAES, F. *Memórias do legislativo friburguense: 200 anos de história da Câmara Municipal de Nova Friburgo*. Nova Friburgo, RJ: Câmara Municipal de Nova Friburgo.
- DE ROURE, Agenor. (1918) O Centenário de Nova Friburgo. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Tomo 83, pp. 243 a 266. Rio de Janeiro.
- DOS SANTOS, Renato Emerson Nascimento. (2017) O Movimento Negro Brasileiro e sua luta antirracismo: por uma perspectiva descolonial. In: Valter Carmo Cruz; Denilson Araújo de Oliveira. (Org.). *Geografia e Giro Descolonial: Experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, v. 1, p. 57-76.
- \_\_\_\_\_. (2020) A questão racial e as políticas de promoção da igualdade em tempos de golpe: inflexão democrática, projetos de nação, políticas de reconhecimento e território. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 4, n. 42, p. 200-224.
- ERTHAL, Rui. (2006) A presença de dois distintos padrões de organização agrária moldando a região de Cantagalo, província do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. X, núm. 218 (34). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-34.htm>> [ISSN: 1138-9788]
- GRIMAL, Pierre. (2013) *Mitologia grega*. Rio Grande do Sul: L&PM.
- HAESBAERT, Rogério. (2009) Região, Diversidade Territorial e Globalização. *GEOgraphia*, v. 1, n. 1, p. 15-39.
- HARVEY, David. (2012) O espaço como palavra-chave *GEOgraphia*, v 14, n 28, p 8-39
- HOBBSBAWN, Eric. (1984) Introdução: A Invenção das Tradições. In: Hobsbawm, Eric.; Ranger, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra. Págs. 9-23.
- JORNAL A VOZ DA SERRA. (2008) *O mito de origem: Desconstruindo a Suíça Brasileira*. 11 de novembro de 2008. Arquivo de notícias (online). Disponível em: <http://acervo.avozdaserra.com.br/noticias/o-mito-de-origem-desconstruindo-a-suica-brasileira>. Acesso em 04 de abril de 2022.
- KATZ, Cindi. (2009) Social systems: Thinking about society, identity, power and resistance. *Concepts in Geography*. London: Sage.
- KOSIK, K. (1976) *Dialética do Concreto*, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra.
- LÉFÈBVRE, Henri. (1983) *La presencia y la ausencia*. Contribución a la teoría de las representaciones; Fondo de Cultura Económica, Mexico.
- MARRETO, Rodrigo. (2014) *A escravidão Velada – A formação de Nova Friburgo na Primeira metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Niterói.

- \_\_\_\_\_. (2019) *O opulento capitalista: o Barão de Nova Friburgo e as estratégias de formação e manutenção do patrimônio familiar no oitocentos (c.1829 - c.1873)*. 2019. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói.
- MATTOS, Regina Célia de. (2011) Arranjos produtivos locais no interior fluminense: o polo de moda íntima de Nova Friburgo e região. *Geopuc*, revista do Departamento de Geografia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7.
- MAYER, Jorge. (2003) *Raízes e crise do mundo caipira: o caso de Nova Friburgo*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- MOREIRA, Ruy. (2009) A Diferença e a Geografia: O ardil da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEOgraphia*, v. 1, n. 1, p. 41-58.
- MASSEY, D. (2004) Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *Geographia* – Ano 6, no. 12, Niterói, UFF, p.7-23.
- \_\_\_\_\_. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RUA, João. (2003) *Seguindo novos caminhos: transformações territoriais e modernização no município de Quissamã - RJ; uma contribuição para o desenvolvimento local*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. (2002) Urbanidades e Novas Ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: Algumas Considerações Teóricas. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. F. (orgs.). *Estudos de Geografia fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, p. 27-42.
- \_\_\_\_\_. (2017) No estado do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Alvaro, RUA, João, MATTOS, Regina Célia de (Org.). *O Espaço e a metropolização: cotidiano e ação*. Rio de Janeiro: Consequência, p. 443-486.
- SANTOS, Milton. (2009) *Pensando o espaço do homem*. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo.
- SIMONI, J. (2019) *Múltiplas escalas de transformação nas relações urbano-rurais: o espaço rural friburguense e suas urbanidades impulsionadas pelas técnicas de informação e comunicação*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente.
- SIMONI, Joana; RUA, João. (2021) Lugares rurais e espacialização do capital: o Airbnb como evidência das urbanidades no rural em um espaço em globalização. *GEOgraphia*, v. 23, n. 51.